



Chrys Chrystello*

E a Ibéria aqui tão perto

Desde que o SMO (serviço militar obrigatório) me arrancou em set^º 1973, a contragosto do rincão natal ibérico (mas ainda não-europeu) rumo aos orientes exóticos, que tenho noções contraditórias sobre o mesmo. Se é certo que regressei da Australásia em definitivo em abril 1996, nunca mais olhei para Portugal ibérico da mesma maneira. Há duas imagens que se sobrepõem, a dos afetos anteriores a 1973 e a da realidade atual, de desenvolvimento do betão, de autoestradas, vias rápidas, sem vias férreas, do crescimento desenfreado urbano, da mudança de valores, paradigmas alienígenas, e dou por mim a querer preservar a visão antiga embora saiba que esses tempos não voltarão na sua simplicidade e lhanza.

Ora foi isto que, mais uma vez, sucedeu há dias quando decidimos ir passar o 10 de junho ao norte peninsular, mais especificamente à minha mátria Bragança (mais desertificada, mais prédios abandonados e a cair, algumas novas construções). Comecei por estrear a autoestrada A4, cujo malfadado tunel do Marão tanta canseira e atraso na sua construção teve, mas que facilita (e de que maneira) as deslocações para essa ilha isolada que o nordeste transmontano foi durante nove séculos e meio. Gostei da obra, da paisagem e da rapidez, mas passada Vila Real o movimento começou a reduzir-se (sábado, hora de almoço) tal como em tempos idos até chegar a Bragança onde vivi de 2002 a 2005, antes de me açorianizar.

Era uma visita para matar saudades desse distrito mátria onde passei as férias desde os 2 aos 17 anos, comer uma posta mirandesa no obrigatório restaurante Poças que frequento desde a década de 1960 (e era a base dos colóquios da lusofonia até 2010), onde encontrei o pessoal do costume, que tiveram a gentileza de me reconhecer mal entrei (não ia lá desde 2010). `a espera o inefável amigo de tantas horas, Dr Eleutério M Alves, ex-diretor da Cultura da Câmara Municipal de Bragança e provedor da Santa Casa da Misericórdia no meu tempo e atualmente vice-presidente da Direção da CNIS (*Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade*). Com ele tagarelamos longamente, tendo recebido livros, revistas e a gentileza de nos ofertar (aos seis) o almoço em que se celebrava o aniversário da filha mais velha. Gentileza que recusei veementemente mas a idosa dona do Poças não permitiu que eu pagasse. Assim, rememoramos cenas de há duas décadas, as tropelias do meu mais novo (hoje com 27) quando frequentava a escola primária da Santa Casa. Um ato genuíno de amizade que espero retribuir quando visitar, de novo, a ilha de São Miguel lá mais para o fim de ano. A isto chamo amizade solidária. Conhecidos em Bragança tenho muitos mas amigos como

este não. A visita relâmpago deu ainda para ver a velha casa no n^º 19 da Rua Direita onde a minha mãe morou desde 1932 a 1939, e onde primos vários residiram enquanto faziam o Liceu em Bragança, lá continua mas agora acoplada à antiga Sinagoga no n^º 23 e como nova repartição de Finanças (n^º 29). Tive ainda tempo de ir espreitar o saudoso apartamento de soberbas vista para o castelo e “presépio” de São Sebastião nas Varandas do Sabor, Avenida do Sabor. Vim revigorado de memórias e de saudades, consciente de que esta poderá ter sido a minha última incursão ali e que terei de preservar na memória todos os instantes e imagens desta visita, dado que contamos ficar nesta nova pátria açoriana até que o crematório nos consuma... se antes os senhores da guerra não resolverem acabar com este planeta.



2005 - 2023

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício n^º 297713



Pe. Rodrigo Lynce de Faria

Sair do sofá

Em 2016, o Papa Francisco pediu em Cracóvia aos jovens que saíssem do sofá e cumprissem a missão que Jesus e a Igreja esperam deles.

Agora, que está iminente o começo da JMJ em Lisboa, penso que todos temos de ouvir estas palavras como dirigidas a nós próprios e de saber “abandonar” os sofás em que muitas vezes nos “aburguesamos”.

Não atuaram assim aqueles que nos precederam!

É preciso sair do sofá e aproveitar este momento único na nossa história para experimentar que, apesar de alguns velhos do Restelo apregoarem o contrário, a Igreja está viva e é consciente da missão que lhe foi confiada por Deus: levar a todos, sem exceção, a boa nova da salvação.

Nos séculos XV e XVI, muitos jovens partiram de Portugal rumo a mundos desconhecidos com o objetivo de partilhar a sua experiência de Jesus com outros povos e nações, diz o Papa na mensagem que escreveu para a JMJ de Lisboa. E em 1917, Nossa Senhora veio a este pequeno quintal à beira mar plantado enviar a todo o mundo uma mensagem

forte e maravilhosa do Amor de Deus que nos chama à conversão e à verdadeira liberdade.

Quantas pessoas, por ignorância, não vivem de acordo com a liberdade que Jesus nos conquistou e permanecem presas ao que é passageiro que nunca lhes encherá o coração! Vivem sem Deus e, por isso, não vivem livres. Por muito que aparentem uma “liberdade” que muitas vezes os leva ao desespero.

Espírito Santo: acende nos nossos corações o desejo de nos levantarmos e a alegria de caminhar nesta vida com os olhos postos na eternidade. O tempo para nos levantarmos é agora, diz o Papa. E, como Maria, levemos Jesus dentro de nós (na nossa alma em graça) para O comunicar a todos aqueles que se cruzam connosco nos caminhos da vida.

Neste maravilhoso momento da nossa vida, que é viver uma Jornada Mundial da Juventude, não deixemos de ouvir a Voz do Espírito Santo e seguir as suas inspirações.